

COLUNA DO CASTELLO

MARCELO PONTES

As generalidades do novo governo

Há tanto mistério na montagem do governo de Fernando Henrique Cardoso que voltou a ser citada uma expressão antiga atribuída ao ex-deputado Thales Ramalho. Thales dizia que, se alguém em Brasília acha que está bem informado, na verdade não sabe de nada.

O mistério não foi a característica de Fernando Henrique como ministro da Fazenda. Ao contrário, ele se esforçou muito em demonstrar que não iria fazer nada de surpresa, que não tinha planos mirabolantes ou de efeitos especiais, que não baixaria pacotes. Cumpriu tudo o que disse.

Até agora, dois meses depois que se elegeu presidente da República, só há generalidades sobre o seu governo. Coisas assim do tipo "não há continuísmo, mas sim continuidade", quando fala das mudanças esperadas pelo país. Ou, então, "não é preciso fazer tudo de uma vez, mas dar sinais sensíveis de que estamos caminhando com convicção. Isso é fundamental. Com convicção" — como disse no encerramento do seminário de intelectuais promovido pelo Itamarati.

Aliás, nesse mesmo discurso, feito de improviso e publicado ontem na íntegra pela *Folha de S. Paulo*, o máximo que avançou foi ao explicar melhor o ritmo de seu governo: "Nós vamos ter que, não durante seis meses, mas quatro anos, reformar sem parar. É claro que os primeiros seis meses têm uma força de persuasão maior, mas acho que só teremos vencido a batalha das dificuldades brasileiras no que diz respeito à governabilidade se entendermos o tempo todo que vamos estar introduzindo modificações numa dada direção. Esta direção, ou rumo, este sim têm que ser desde o início. Em que dire-

ção vamos? Esta já está dita aqui. Tem que haver estabilidade, com crescimento, com distribuição de renda e com participação social." O próprio Fernando Henrique reconheceu que são apenas palavras, embora acredite haver condições para transformá-las em prática.

E mais não avançou. Espera-se que avance no discurso de despedida no Senado, na próxima semana, dia 14. O mistério sobre nomes e agenda de trabalho do novo governo, a poucas semanas da posse, pode começar a produzir efeito negativo. A melhor das surpresas de Fernando Henrique no Ministério da Fazenda era não ter surpresa nenhuma. Quem garante, agora, que o melhor do mistério também é não ter mistério algum?

A inflação baixou um pouco, e baixará mais ainda quando o índice não pegar mais os resíduos da aceleração de outubro. Mas já se prevê dentro do governo que em janeiro há risco de a curva da inflação voltar a apontar para cima. O que fará Fernando Henrique?

Já se comenta ao redor da equipe econômica atual que ele será forçado a fazer um forte desaquecimento da economia. Há três semanas, o índice médio de ocupação das indústrias era de 80%. Algumas iam a pleno vapor de 97%. De lá para cá, está sendo injetado o dinheiro do 13º salário, o funcionalismo federal está recebendo mais 17% da isonomia e ganhará mais 20% de aumento da data-base em janeiro. Se ainda não está dizendo o que vai fazer, Fernando Henrique dá margem à interpretação de que há algo mais a justificar esse mistério do que o simples cuidado com os ciúmes do presidente Itamar.